

UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO - STA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ROBERTA PORTELLA FRANCO

CONDIÇÕES DA VIDA DE MODELO DE MODA

PROF. ORIENTADOR: FERNANDO VIEIRA



NITERÓI
2019

ROBERTA PORTELLA FRANCO

CONDIÇÕES DA VIDA DE MODELO DE MODA

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Administração. Área de Concentração: Administração

Orientador

Prof. FERNANDO DE OLIVEIRA VIEIRA

NITERÓI,

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BAC Gerada
com informações fornecidas pelo autor

F825c Franco, Roberta Portella
Condições da Vida de Modelo de Moda / Roberta Portella
Franco ; Fernando Vieira, orientador. Niterói, 2019.
49 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Administração)-Universidade Federal Fluminense, Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis, Niterói, 2019.

1. Escravidão Contemporânea. 2. Vida de Modelo. 3.
Produção intelectual. I. Vieira, Fernando, orientador. II.
Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis. III. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Carlos Roberto Santos de Lima - CRB7/5531

ROBERTA PORTELLA FRANCO

CONDIÇÕES DA VIDA DE MODELO DE MODA

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Administração. Área de Concentração: Administração

Aprovada em 18 de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Fernando de Oliveira Vieira (orientador)

UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Ana Maria Lana Ramos

UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Américo da Costa Ramos Filho

UFF – Universidade Federal Fluminense

Aos meus queridos pais, Ana e Luiz.

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor orientador Fernando Vieira, por suas aulas inspiradoras, sua dedicação, comprometimento e paciência.

À Maiara Marinho, mentora do presente trabalho, por ter sido tão atenciosa e solícita durante esse período.

Às cinco modelos que toparam compartilhar suas experiências comigo.

Aos meus familiares e amigos por estarem sempre ao meu lado, em especial à minha amiga Ana Pies pelo incentivo e diversos debates sobre o estudo.

Aos meus amados pais, Ana Portella Franco e Luiz Octávio Franco, que sempre acreditaram em mim, me apoiaram e vibraram pela minha felicidade e sucesso.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal avaliar a escravidão contemporânea na vida das modelos de moda. Para alcançar tal objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa, na qual cinco modelos brasileiras, com mais de três anos de carreira e com experiência internacional, foram entrevistadas. A partir dos resultados obtidos nas entrevistas, observou-se que há indícios de escravidão contemporânea na carreira de modelo como jornada exaustiva, condições degradantes e restrição de locomoção.

Palavras chave: Escravidão Contemporânea. Jornada Exaustiva. Condições Degradantes. Restrição de Locomoção. Vida de Modelo.

ABSTRACT

The present work is aimed to evaluate contemporary enslavement in the life of fashion models. To achieve this goal, a qualitative field of research was conducted, in which five brazilian models, all with careers of more than three years and having international experience, were interviewed. From the results compiled in the interviews, it was observed that there are indications of contemporary enslavement in the modeling career such as exhausting journey, degrading living conditions and a lack of mobility.

Key Words: Contemporary Slavery. Exhausting Journey. Degrading Living Conditions. Lack of Mobility. Model Life.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA	14
2.1. TRABALHO FORÇADO	19
2.2. JORNADA EXAUSTIVA	20
2.3. CONDIÇÕES DEGRADANTES	22
2.4. RESTRIÇÃO DE LOCOMOÇÃO	23
3. VIDA DE MODELO	24
3.1. PRESSÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO	25
4. PESQUISA DE CAMPO	28
4.1. METODOLOGIA	28
4.2. REVELAÇÕES DE CAMPO	29
5. CONCLUSÃO	45
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
7. APÊNDICE	51

1. INTRODUÇÃO

O mundo moderno vem passando por grandes transformações. O consumo está cada vez mais acelerado, as relações cada vez mais efêmeras e, muitas vezes, desumanas. O livro “Vida Para Consumo”, que foi escrito em 2007 por Zygmunt Bauman, um sociólogo polonês, expõe uma trágica realidade sobre a sociedade líquido-moderna: a da transformação dos indivíduos em mercadorias. Diante disso, o autor aborda os impactos dessa transformação em diversas áreas da vida. Uma dessas áreas é a da moda. Bauman tenta mostrar que as pessoas, de uma maneira geral, precisam se moldar e se adequar à realidade dessa sociedade descartável (líquida), para que consigam chamar atenção e se manterem em uma boa posição nas “prateleiras”. A obra deste autor é de grande importância para nós, que nos sentimos estimulados e forçados a cumprir com os quesitos impostos pelo mercado, ou seja, ser uma mercadoria atraente e desejável que faz de tudo para que tenha grande valor no mercado. Consequentemente, seguindo uma vida individualista, que gera insegurança, comparações intermináveis, estresse, ansiedade e até depressão.

Além disso, com referência ao estudo “A Corrosão do caráter” de Sennet, é possível entender que existe uma linha tênue entre o que se conhece como integridade dentro e fora de um ambiente de trabalho. Um ambiente que tem o poder de definir sua permanência na sociedade. A pressão que existe em se manter e prover distorce a concepção do certo ou errado, já que a resposta pode ser predominantemente decisiva quanto à certeza de um futuro. Compreende-se o quão volátil pode ser uma concepção de honra quando se é pressionado a atingir uma meta, a produzir excessivamente para garantir um sustento, por exemplo. Por isso, relevar uma questão ética para continuar no ambiente que garante os meios de sobrevivência.

"Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais" (SENNET, 2004, p.9.)

Se existe uma clara tendência à fugacidade no ambiente trabalhista, que se estende não só às relações como também à formalização de critérios éticos, envolvendo todo o seu campo operacional, será que não há uma repercussão chamativa em uma indústria que se baseia na fugacidade do tempo, ou seja, na moda? Onde seu principal foco e ponto consumidor, é a juventude? Se Sennet prega que a tendência de instituições a cair na projeção, estremece a relação leal e

compromissada, não seria discutível que na indústria que mais abraça a questão do novo e do belo, poderia existir uma força maior quanto a essa impaciência com laços que exigem maior atenção ou até mesmo cuidado?

Ainda existe muita omissão, por parte das modelos, em falar abertamente sobre como ocorrem os processos de seleção para um trabalho, o tratamento e condições que são dadas às modelos. Por isso, o estudo busca entender se chega a haver trabalho análogo à escravidão, em que há controle do indivíduo sobre o outro, apropriação da força de trabalho e imposição das condições pela violência ou ameaça (Bales e Robbins, 2001).

Identificar quais aspectos cria a insatisfação de modelos, poderá fornecer informações relevantes para, quem sabe, os gestores das agências e os donos das marcas mudarem as suas formas de gerir essas “mercadorias”, ou melhor, essas pessoas. E ainda, quem sabe, fazer entenderem que se os modelos estiverem com alta satisfação, irão trabalhar mais estimulados e com maior qualidade, o que seria benéfico tanto para a modelo, quanto para a agência e o cliente. A teoria da motivação de Herzberg mostra que a satisfação no trabalho pode influenciar comportamentos, e seu nível pode influenciar na produtividade e nas relações de trabalho (B.F Skinner, 1953 Apud Hersey e Blanchard 1982, p 72).

Além disso, as pressões constantes pela magreza podem levar o indivíduo a transtornos alimentares, e em alguns casos extremos, até ao óbito, como é o caso da modelo Ana Carolina Reston, que desfilou aos 21 anos com anorexia nervosa. Ana Carolina estava com apenas 40kg. (Val e Onocko – Campos, 2015).

A profissão de modelo é regulamentada no ordenamento brasileiro. Porém, muitas agências burlam a lei, e isso ocorre justamente porque a parte mais frágil na relação, ou seja, a jovem modelo, não conhece seus direitos, ou ainda, tem medo de reivindicar por eles e não ser mais chamada para os trabalhos. Por isso, a exigência de modelos cada vez mais magras, podendo acarretar uma anorexia, bulimia ou até a morte, deve ser tratado também na esfera trabalhista, pois se há possibilidade do reconhecimento do vínculo empregatício com as agências de modelos, o descumprimento de direitos constitucionais pode gerar uma indenização por dano moral na Justiça do Trabalho (Mesquita, 2017).

Diante disso, a conclusão a que se chega é de que os profissionais que trabalham na área da moda devem se adequar às leis trabalhistas que existem no Brasil, afinal, ninguém está imune a elas. O respeito à dignidade da pessoa humana,

bem como o respeito à pessoa em desenvolvimento, devem servir de base para o tratamento dado pelas agências às modelos profissionais.

Ademais, modelo significa pessoa que é digno de servir de exemplo. Seja ele exemplo de beleza, de saúde, de respeitabilidade e/ou de sucesso (Mesquita, 2017).

Portanto, a partir dessa investigação, iremos diagnosticar a relação “empregador” - “empregado”, estabelecendo um paradigma que expõe e reavalia o modelo de ética usado nos ambientes de trabalho que envolve a indústria da moda, para inclusive conseguir determinar se há de fato ou não uma naturalização de comportamentos violentos à moral do subordinado.

Encontra-se muito pouco e também de difícil acesso um estudo mais aprofundado sobre as consequências desse modelo de trabalho e também da concepção de produtividade com um foco maior nas modelos. Como se trata de um tema recorrente e de importância para o cenário contemporâneo, um estudo que propõe uma junção de uma série de observações seria importante trazer à luz a fala de profissionais da moda para uma compreensão maior da carreira.

A vida de uma modelo de moda é vista, na maioria das vezes, como luxuosa, em que se ganha muito dinheiro, roupas de grife, maquiagens, viagens, etc. Uma carreira onde é possível conhecer o mundo. Bastaria, contudo, apenas uma boa caminhada na passarela ou grandes poses para fotos para que muitas delas alcançassem esse patamar na vida? Qual o preço que se paga? Em que medida a profissão das modelos, lidando de forma tão forte com a “promoção da vida”, se aproxima de uma relação de escravidão contemporânea? Até que ponto ser uma mercadoria vendável, nesse meio, não se torna manipulação da consciência? Qual a relação entre corpo e saúde? Por meio dessa pesquisa, poderemos estudar possíveis falhas na forma de gerir modelos. Esse estudo não tem como intuito simplesmente criticar o trabalho da modelo, mas sim entender como ocorre a carreira.

O objetivo principal dessa monografia é estudar as condições da vida de modelo de moda, buscando saber se existe traço de escravidão contemporânea na profissão, ou seja, diante do cenário descrito acima e das vivências da autora, diagnosticar a relação “empregador” - “empregado”. Como objetivos secundários, buscaremos: explicar o que é o trabalho escravo contemporâneo; contextualizar a profissão de modelo de moda; levantar dados sobre a profissão através de entrevistas semiestruturadas e relacionar os itens estudados.

Com o objetivo de responder à questão problema “Em que medida a profissão das modelos de moda se aproxima de uma relação de escravidão contemporânea?”, serão feitos estudos bibliográficos sobre Escravidão Contemporânea, Modelo de Moda, buscando relacionar os respectivos temas na pesquisa de campo qualitativa, por meio das entrevistas.

2. ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA

De acordo com Kevin Bale e Peter T. Robbins (2001), a escravidão nada mais é que um modelo de relação social e econômica, que muda e evolui de acordo com as necessidades da humanidade. Baseado em um fundamento de exploração humana, a escravidão tem seus episódios demarcados por mudanças legislativas, mas as mesmas nem sempre acompanham a evolução do que também se entende como direito humano e dessa forma, Kevin Bale e Peter T. Robbins afirmam que a repercussão da escravidão na contemporaneidade existe por não ter bem uma premissa definitiva ao que a mesma é.

Para compreender o termo “escravidão contemporânea” é necessário um apanhado preliminar do que se entende como escravidão e como a mesma se manifestou ao longo da história. Seu conceito se fundamenta na noção de servidão, que segundo Aristóteles, em seu livro “Política”:

Pois aquele ser que, graças à sua inteligência, tem a capacidade de prever é, por natureza, um chefe (árchon) e um senhor (despózon), ao passo que o ser que é capaz de executar as ordens do outro por meio de seu corpo, é um subordinado e um escravo por natureza (ARISTÓTELES, 1877, Política, Capítulo II).

Compreende-se então, como uma premissa aristotélica, que a mentalidade escravocrata se dá pela relação de domínio do corpo e àquele que o domina. Dentro do livro, Aristóteles prevê essa caracterização de relação chefe - subordinado para construir a visão de cidade. A mesma, como um mecanismo operante composto por homens (indivíduos). Ele reconhece a “cidade”, ou melhor traduzido, a sociedade, como uma formação natural e os homens que as compõem, seres que se inserem na mesma também de forma natural. Comparativo a animais que se sobrepõem em cadeias de relações, ele faz uma consideração sobre o Estado como uma organização que considera o bem de todos; *“pois todas as ações dos homens têm por fim aquilo que consideram um bem”* (ARISTÓTELES, 1877, p. 108).

Mais adiante, ele propõe um questionamento que discute o quão natural seria a formalização da mentalidade escravocrata: “Mas faz a natureza ou não de um homem um escravo? É justa e útil a escravidão ou é contra a natureza?” (ARISTÓTELES, 1877, p. 108).

Enquanto discorre, ele faz uma análise do corpo como ente “separado” de alma.

Assim, em toda parte onde se observa a mesma distância que há entre a alma e o corpo, entre o homem e o animal, existem as mesmas relações; isto é, todos os que não têm nada melhor para nos oferecer do que o uso de seus corpos e de seus membros são condenados pela natureza à escravidão. Para eles, é melhor servirem do que serem entregues a si mesmos. Numa palavra, é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios que resolve depender de outrem. Tais são os que só têm instinto, vale dizer, que percebem muito bem a razão nos outros, mas que não fazem por si mesmos uso dela. Toda a diferença entre eles e os animais é que estes não participam de modo algum da razão, nem mesmo têm o sentimento dela e só obedecem a suas sensações. Ademais, o uso dos escravos e dos animais é mais ou menos o mesmo e tiram-se deles os mesmos serviços para as necessidades da vida (ARISTÓTELES, 1877, p.121).

Então construída essa imagem do escravo como um alguém desprovido de capacidade intuitiva ou até mesmo de por si definir o que lhe é melhor, Aristóteles segue questionando as alegações que categorizam o estado de um servo e quais das mesmas se aplicariam como coerentes. Inclusive, ele separa o que seria uma servidão natural (inerente da sua propriedade quanto ser) e também do que seria a servidão por lei, resultante dos traumas da guerra, por exemplo.

Usando esse livro como uma base para entender como que a escravidão é uma manifestação muito antiga das relações sociais, é possível dar continuidade nas ramificações da mesma, mas também traçando um fundamento em comum: o corpo. Ainda de acordo com Aristóteles:

Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra. Ocorre muitas vezes, porém, o contrário: brutos têm a forma exterior da liberdade e outros, sem aparentar, só têm a alma de livre (ARISTÓTELES, 1877, p.122).

O trabalho escravo existe desde a antiguidade e infelizmente, mesmo com a abolição, ainda persiste na sociedade contemporânea (Schernovski 2013). Engana-se aquele que acredita não haver mais escravidão nos dias de hoje e esse estudo

prevê que existe uma discussão para entender como que a mesma se destrincha na sociedade capitalista como a entendemos. A escravidão continua presente. Não em sua forma tradicional, pré-capitalista, legalizada e permitida pelo Estado, mas como uma condição em que o trabalhador, na maioria das vezes, não é remunerado e sua vida é controlada por outros.

Traçando agora um paralelo com o que foi explicitado por Aristóteles acima, podemos observar como é enraizado um modelo escravocrata de fato, antigo, que sustenta toda uma sociedade permanente. Se existiram mudanças em como a relação escravocrata se manifesta na contemporaneidade, talvez não tenha havido mudança em seu cerne. A escravidão de hoje é uma forma de exploração econômica, que se adaptou ao mundo global. Ainda que haja afirmações sobre a abolição do sistema escravista no país, segundo o Ministério do Trabalho, 49.942 foi o número de trabalhadores resgatados em condições análogas às de escravos entre 1998 e 2016 (MTE, 2017). Isso aponta o longo caminho que há de ser percorrido até que se compreendam quais são os limites do corpo quanto aos mecanismos operacionais e individuais da sociedade e do que pode ser exigido dos mesmos por instituições que se fomentam em manipular esses corpos para produção econômica.

Ao longo dos anos, a escravidão vem sendo moldada e diversificada ao mundo atual, inclusive por carregar não só uma doutrina fixa, mas uma mentalidade estrutural, presente em pequenas nuances do cotidiano. Ela persiste, ainda que tenha perdido o antigo conceito de propriedade do homem sobre homem e a imagem do escravo (figurativa) acorrentado a uma bola de ferro e morando em senzala, e de uma maneira mais versátil, pois o trabalho escravo constitui uma mão de obra disponível à vontade e que se adaptou ao mundo global, conforme afirma Schernovski (2014), quando diz que a escravidão está totalmente reproduzida pelas atuais condições da economia. Por conta do desemprego tecnológico, crescimento das migrações e redução da remuneração de atividades tradicionais, normalmente tecnologicamente atrasadas.

Quadro comparativo, escravidão ontem e hoje:

	ESCRAVIDÃO HISTÓRICA	ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA
Propriedade legal	Permitida	Proibida
Custo de aquisição de mão de obra	Alto. A quantidade de escravos era medida de riqueza	Muito baixo. Não há compra e muitas vezes gasta-se apenas o transporte
Mão de obra	Escassa. Dependia do tráfico negreiro	Descartável. Devido a um grande contingente de trabalhadores desempregados
Relacionamento	Longo período. A vida inteira do escravo e de seus descendentes	Curto período. Terminado o serviço, não é mais necessário prover o sustento
Diferenças étnicas	Relevantes para a escravidão	Pouco relevantes. Qualquer pessoa pobre e miserável são os que se tornam escravos, independentemente da cor de pele
Manutenção da ordem	Ameaças, violência psicológica, coerção física, punições exemplares e até assassinatos	Ameaças, violência psicológica, coerção física, punições exemplares e até assassinatos

Fonte: Kevin Bales – BALES, Kelvin. Disposable people: new slavery in the global economy. Berkley: University of California Press, 1999.

O conceito de escravidão sempre se ligou, sobretudo, à restrição da liberdade, e nisso pouco diferem a escravidão histórica e contemporânea. Entretanto, urge a necessidade de se classificar a nova definição de trabalho escravo, que, nas palavras de Jairo Lins de Albuquerque Sento- Sé, citado por BARBOZA (2011), modernamente é:

Aquele em que o empregador sujeita o empregado a condições de trabalho degradantes, inclusive quanto ao meio ambiente em que irá realizar a sua atividade laboral, submetendo-o, em geral, a constrangimento físico e moral, que vai desde a deformação do seu consentimento ao celebrar o vínculo empregatício, passando pela proibição imposta ao obreiro de resilir o vínculo quando bem entender, tudo motivado pelo interesse de ampliar os lucros às custas da exploração do trabalhador (Barboza).

O que acontece é que as vítimas da escravidão contemporânea já sofriam antes com pobreza, com o desconhecimento da lei, com o baixo nível ou até ausência de escolaridade, com a inocência e a ignorância, além de serem vítimas do meio social (FIGUEIRA, 2000). De acordo com Barelli e Vilela (2000), a maioria das vítimas apresenta “uma pureza e uma ingenuidade que ainda permitem o sonho”. E é exatamente essa ingenuidade e vontade de realizar o sonho de mudança de vida que tornam essas pessoas tão vulneráveis e acabam sendo seduzidas por falsas promessas. Ainda segundo Barelli e Vilela (2000) “é o sonho que faz com que o trabalhador aceite essa proposta de trabalho, mesmo tendo de temporariamente abandonar a família e ir para lugar desconhecido”.

O artigo 149 do Código Penal nos aponta o que seria o trabalho em condição análoga ao de escravo, ou seja, escravidão contemporânea. Ele cita quatro condutas específicas: 1) trabalhos forçados; 2) jornada exaustiva; 3) condições degradantes de trabalho; 4) restrição, por qualquer meio, da locomoção por dívida contraída com o empregador ou outro meio. Cada um desses aspectos, embora estejam descritos de forma distinta, estão muitas vezes presentes na realidade das relações de trabalho, sejam eles separados ou combinados entre si (MTE, 2011a).

2.1. TRABALHO FORÇADO

Como mencionado anteriormente, existe uma passagem do livro “Política”, de Aristóteles, que se dá como uma preliminar a explicação da relação necessária do escravo para garantir os meios provedores. No livro, associa-se que o servo seria um instrumento animado para a manutenção da Casa (*Household*) e, portanto, imprescindível para o sustento. Essa relação que sustenta a particularidade do escravo como “uma propriedade animada”, objetifica o humano como um mecanismo operacional para a geração de dinheiro (capital):

Quanto à economia, observo que é impossível viver comodamente, ou mesmo simplesmente viver, sem o necessário. Portanto, como os bens fazem parte da casa, os meios de adquiri-los também fazem parte do governo doméstico; e, assim como nenhuma das artes que têm um objeto preciso e determinado realiza sua obra sem seus instrumentos próprios, a economia também precisa deles para chegar ao seu objetivo.

Existem dois tipos de instrumentos: uns inanimados, outros animados. Assim é que, para a navegação, o leme é o instrumento inanimado e o piloto, o instrumento animado. Em todas as artes, o trabalhador é uma espécie de instrumento (ARISTÓTELES, 1877, p. 118).

Mediante essa linha de raciocínio, é possível reconhecer uma premissa capitalista em primórdios das relações humanas.

Trabalho forçado ou trabalho compulsório, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), é o trabalho ou serviço imposto a uma pessoa a título de sanção penal mediante perda de direitos.

O trabalho forçado se refere a situações em que as pessoas são coagidas a trabalhar através do uso de violência ou intimidação, ou até mesmo por meios mais sutis, como a servidão por dívidas, a retenção de documentos de identidade ou ameaças de denúncia às autoridades de imigração. De acordo com a Convenção nº 29 da OIT (adotada em 1930), trabalho forçado ou compulsório é “todo trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob a ameaça de uma sanção e para o qual a pessoa não se ofereceu espontaneamente”. Ou seja, se o trabalhador não tem o poder de

decisão sobre a aceitação do trabalho ou sobre sua permanência no mesmo, pode-se dizer que há trabalho forçado.

Pode ocorrer coação que, segundo o MTE, pode ser moral, psicológica ou física. Moral seria quando o trabalhador é manipulado e seduzido a acreditar que ele deve permanecer no cargo dele. A coação psicológica seria quando há ocorrência de ameaças, ou seja, pressões psicológicas do indivíduo. E por último a coação física seria quando há de fato violência, agressão.

2.2. JORNADA EXAUSTIVA

De acordo com o artigo “A Jornada Exaustiva e a Escravidão Contemporânea” de Marinho e Vieira (2019), foi ressaltada uma incoerência quanto à compreensão contemporânea do que é uma jornada de trabalho e sua relação com o tempo como o entendemos fisicamente. Dentro do artigo, é ressaltado que o considerável aumento na demanda de produtividade do funcionário estabelece um desequilíbrio entre a concepção de tempo e exigência do mesmo no atual modelo de gestão.

O artigo incita a seguinte reflexão: um trabalhador que exerce uma função altamente complexa durante o período de sete horas e outro, com uma operação de menor grau de complexidade por catorze horas consecutivas.

Estabelece-se então, um comparativo que foge do espectro de coerência, já que usa uma medida abstrata como o tempo para uma avaliação de competência e efetividade. Funcionando como um processo de escalonamento, esse aumento de demanda propulsiona um fenômeno como a jornada exaustiva, que de acordo com Marinho e Vieira, é composta pela imbricação da intensidade e da extensividade do trabalho, e dessa forma, as ramificações implicam em horas extensas que podem causar sequelas e malefícios físicos, além de uma provável redução de qualidade de vida e atenção para outras esferas sociais.

E se conseguimos entender que existe uma força que propulsiona uma mentalidade que não lhe permite tempo para nada além do trabalho, também conseguimos criar um paradigma de não pertencimento ao próprio corpo e cerceamento de liberdade. Uma relação que se baseia numa interpretação do abstrato não pode ser usada para mensurar efetividade já que se coloca num viés interpretativo e não concomitante ao factual. E esse modelo passa por ser favorável mais ao capital, que se utiliza também de uma premissa quantitativa para pressionar o funcionário a

cumprir funções e demandas de acordo com uma concepção não necessariamente factual e coerente com a complexidade da função, como vimos anteriormente. É importante entender também a implicação de uma jornada exaustiva quando a mesma tem interferência física no corpo, não só em nível mental, mesmo que igualmente prejudicial à saúde.

A exposição do empregado à jornada exaustiva de trabalho, em desacordo com os limites previstos na legislação, é um dos fatores que levam à caracterização do trabalho análogo a escravidão. A jornada exaustiva, segundo o Tribunal Regional do Trabalho deteriora as condições de trabalho, além de repercutir negativamente na vida pessoal e particular do trabalhador, privando-o do convívio familiar e social, assim como do lazer, indispensáveis para a qualidade de vida do indivíduo.

No ordenamento jurídico brasileiro, a jornada comum de trabalho consiste em oito horas diárias e quarenta e quatro horas semanais (conforme o art. 7º, XIII, da CF e artigo 58 caput, da CLT), sendo que se admite a prorrogação e a compensação de jornada (art. 59 da CLT, e 7º, XIII, da CF), mas em número não excedente a duas horas diárias. A jornada exaustiva inicia-se a partir de doze horas de labor, aplicando por analogia o artigo 61§ 2º da CLT. Este artigo trata dos casos excepcionais em que a lei possibilita a extensão da jornada de trabalho para além das dez horas diárias. Salvo a força maior que não possui qualquer limitação, excepcionado o menor, nenhuma jornada pode ultrapassar doze horas diárias. Tal posicionamento encontra prestígio no âmbito do MPT.

2.3. CONDIÇÕES DEGRADANTES

As condições degradantes são certamente o modo de execução que mais dá trabalho para a doutrina e para a jurisprudência. Melo (2003, p.15), ao descrever condições degradantes, relaciona às péssimas condições de trabalho. Ele indica algumas situações em que se verificam trabalho degradante, como: a intermediação fraudulenta do trabalho; a submissão a condições precárias pela falta ou pelo inadequado fornecimento de boa alimentação e água potável; a existência de alojamentos sem condições mínimas; o não fornecimento dos instrumentos para o trabalho e dos equipamentos de proteção individual; o não cumprimento da legislação que rege o trabalho humano, etc.

Art. 1º. A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

III — a dignidade da pessoa humana IV — os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa

(...)

Art. 4º. A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios:

(...)

II — prevalência dos direitos humanos Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

III — ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

(...)

XXIII — a propriedade atenderá a sua função social;

Segundo Prado (2008, p.64), condições degradantes seria o péssimo tratamento aos trabalhadores. O que causa desumanização e assemelha a pessoa a uma coisa ou a um bem.

Segundo a OIT (2017), a condição análoga a de escravo com a presença de trabalhos forçados e condições degradantes, afeta não somente o cerceamento da

liberdade do trabalhador, mas também toda a sua garantia à dignidade. As pessoas recorrem à constante fuga da pobreza e involuntariamente se submetem a essas condições desumanas, devido a deficiências ligadas às provisões das necessidades básicas, que são obrigações que deveriam ser suportadas pelo Estado. Quanto piores as condições de vida, mais os trabalhadores estarão dispostos a correrem os riscos de se sujeitarem a um trabalho que apresente situações e condições degradantes.

2.4. RESTRIÇÃO DE LOCOMOÇÃO

Segundo a atual redação do artigo 149 do Código Penal, restrição de locomoção é o cerceamento do uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho. A omissão de fornecimento de serviço de transporte também entraria como restrição (artigo 149, §1o, inciso I, do Código Penal). Além disso, temos também é a manutenção de vigilância ostensiva ou violenta no local de trabalho ou simplesmente o fato de o agente ou empregador se apoderar de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o objetivo de retê-lo no local de trabalho (artigo 149, §1o, inciso II, do Código Penal).

Contudo, segundo o MTE, a forma mais comum na de restrição da locomoção do trabalhador é quando ele é induzido ou até forçado a contrair dívidas com o empregador para impedi-lo de deixar o trabalho em razão desse débito. Ainda segundo o MTE, as contrações das dívidas geralmente ocorrem antes do trabalho começar, quando o empregador financia débitos pendentes do trabalhador, seja com passagem, alimentação e moradia onde o trabalhador permanece à espera de trabalho, seja por adiantamento de parte do salário para garantia das mínimas condições de subsistência da família do trabalhador naquele momento. Também pode ocorrer depois que a prestação de trabalho começa, quando obrigam o trabalhador a pagar pelas ferramentas utilizadas no trabalho, pelo vestuário, pelo alojamento, pela alimentação ou por qualquer outra coisa de que necessite.

A sociedade impõe como cerceamento de liberdade, conceitos que justamente tiram do indivíduo o livre arbítrio do ir e vir físico (prisão) ou que objetifiquem o ser humano (escravização) ou até mesmo que estabeleçam doutrinas que impliquem no que pode ou não ser feito no corpo habitado; o pertencimento ao outro em contrapartida a pertencer a si mesmo, poder dizer não ao que lhe viola a moral e provoca mal estar, correspondem diretamente as maiores implicações de relações de

domínio da humanidade. Instituições ou indivíduos que provocam essa relação de cerceamento de liberdade do corpo podem ainda estar prorrogando relações invasivas à individualidade, e então tendo uma manifestação igualmente escravocrata, apesar de talvez, existir na contemporaneidade.

3. VIDA DE MODELO

Assim que a menina começa a fazer parte de uma agência de modelos, é criteriosamente avaliada de acordo com seu perfil, ou seja, seus traços físicos, idade, altura, medidas, composição gestual e postural. Feito isso, ela será indicada a fazer um material, ou seja, um book fotográfico para que então possa dar início ao trabalho. Como diz o jargão nas agências de modelos, “o mercado está repleto de meninas lindas e de todos os tipos”. Por isso, a menina deve se diferenciar com outros atributos além do seu corpo, como sua personalidade. Não basta ela ter um perfil adequado e não saber se portar diante dos produtores, agenciadores e clientes (Martinez, 2009).

Uma modelo é considerada, pelos agentes de modelos, como vendedora e embalagem. Cabe a ela se vender como um produto que seja lembrado e escolhido. Para isso, ela deve ter um rótulo que a diferencie das demais, que chame a atenção no mercado. Isso inclui suas atividades cotidianas, suas atitudes, modos de se vestir, de se portar e de sentir. Ela deve se tornar uma marca, criando uma personagem para si mesma que comunique um diferencial. A todo o tempo, a modelo tem seu corpo analisado por um desconhecido através dos castings, ou seja, seleções anteriores aos trabalhos (Martinez, 2009).

A escolha das jovens pela magreza não é, de todo, consciente. É uma opção resultante da pressão sociocultural, à qual não se vislumbra outra saída. Não é, então, uma decisão voluntária. Até porque, quando não adotam esses padrões, são excluídas das agências e imediatamente substituídas por outras modelos mais magras (Val e Onocko – Campos, 2015).

A idade média de uma menina que ingressa na vida de modelo é de catorze a dezessete anos. Muitas vezes, agências já mantêm contato com famílias de meninas que não completaram seus doze anos de idade, indicando que as levem para agências locais infantis para que já se familiarizem com o mercado através dos pequenos trabalhos. Muitas chegam à capital de São Paulo sem terminarem o ensino fundamental ou médio. Outras, muitas vezes, sem o acompanhamento de seus pais.

Passam a morar no apartamento das agências com outros modelos. Em geral, esses lugares cabem em média de seis a dez modelos do mesmo sexo (Martinez, 2009).

Ainda segundo Martinez, elas são influenciadas a levar a carreira a sério como sua única atividade. Porém, neste início de carreira, os trabalhos não têm frequência exata, ou seja, são esporádicos. Além disso, grande parte desses trabalhos não tem retorno financeiro, e quando tem, o dinheiro é encaminhado à agência por conta da dívida criada com adiantamentos de condução, alimentação, moradia e material fotográfico. Tudo isso é de responsabilidade da modelo e a agência não tem responsabilidade de garantir trabalhos.

Em contrapartida, a agência se coloca como responsável dessas jovens meninas, mantendo-as reclusas e sob vigilância constante (Martinez, 2009).

Há a disciplinarização e lapidação ao ensiná-las primeiramente que cada uma é um “produto” que deve saber o que falar, como se comportar gestual e corporalmente. Além disso, saber lidar com os vários “nãos” que receberão e então terem uma análise crítica a respeito de suas próprias imagens para saber o que melhorar. Portanto, são consideradas seres moldáveis, em processo de fabricação, uma vez que ensinam como se posicionar no mundo, muitas vezes, diferente de como aprenderam até então (Martinez, 2009).

3.1. PRESSÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO

O padrão estético para o corpo de uma mulher é visto como violência psicológica. (CSM Vianna, 2005). Segundo ela, as características impostas pela sociedade, ou seja, corpos excessivamente magros, aparência jovem e traços europeizados não são características compatíveis com a maioria das mulheres. Pelo contrário, muitos desses corpos violam as noções científicas do que deveria ser um corpo saudável. Pela falta de aceitação do próprio corpo, muitas passam a ter distúrbios alimentares, dificuldades de se inserir social e profissionalmente. Não só mulheres adultas são alvo das pressões. Crianças e adolescentes também sofrem, ao assistir todo processo midiático.

Ainda segundo Vianna, a imagem que a mídia passa sobre o corpo feminino é irreal, discrimina grande parte das mulheres e influencia negativamente na aceitação da diversidade, fazendo com que não seja saudável na vida de jovens que ainda estão em fase de desenvolvimento físico e mental.

Com a cultura do consumo, a mulher acaba sendo estimulada a estar sempre magra, jovem e bonita, praticando tratamentos corporais, dietas radicais, academia, preocupação com vestuário, cirurgias plásticas, entre outras muitas práticas de embelezamento e disciplinas corporais. Como o corpo perfeito não existe, a tentativa de alcance causa muito autocontrole, sofrimento, ansiedade constante, insatisfação generalizada com aparência e forma corporal, às depressões, distúrbios alimentares, fobias, crises de pânico e comportamentos aditivos (FIGUEIRERO, NASCIMENTO e RODRIGUES, 2016).

A sociedade contemporânea em que vivemos, segundo Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2016) é individualizada e mercantilista, ou seja, o ser humano se preocupa cada vez mais com a aparência, com sua performance e estética de sua vida. Segundo os autores, seguir o culto ao corpo é quase que obrigatório na cultura ocidental. Não o seguir acaba por gerar sentimento de culpa por não se adequar ao padrão imposto.

Ainda sobre os autores, o discurso do culto ao corpo nos distancia de questões graves do nosso sistema, como a desigualdade social cada vez maior, miséria, altas taxas de desemprego, hierarquia de classe, gênero e raça, fragilizações das relações trabalhistas, a intensa competitividade, a falência do modelo de produção capitalista neoliberal, a destruição do meio ambiente e qualidade de vida baixa.

Para concluir o artigo, Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2016) dizem que as mulheres são ensinadas, através das identidades femininas postas em circulação, como revistas, sobre modelos corporais, estilos de vida e identidades femininas, que sofreriam pressões do sistema para estarem sempre em um corpo esteticamente padronizado (magro, com fobia de gordura, aparência jovem e etc.) e, além disso, com um psicológico almejavél pela sociedade espectadora: constantemente feliz e bem sucedida.

Porém, se torna uma verdade que a beleza, ou melhor, o padrão que se impõe dentro dessa mesma indústria, só é alcançado quando existe um acesso privilegiado a tempo e dinheiro.

Comparemos duas meninas, inicialmente. Uma cuja preocupação maior é o sustento familiar, que é de classe média baixa, e a outra, cuja única preocupação é passar nas matérias durante o semestre. A de renda mais baixa tem a seguinte premissa: ela não tem tempo para pensar se está bonita ou não, sua preocupação é outra. Seu tempo é dividido entre escola e trabalho, ou até mesmo só trabalho. A

mentalidade e o valor que se é dado ao alcance de algo tão “fugaz” quanto beleza, é outro. E caso tenha tempo ou disponibilidade para isso, seu alcance a roupas, maquiagens, produtos ou até mesmo procedimentos que a traga mais perto desse padrão, são opções muito mais restritas. No caso da segunda menina, cujo único foco pode até se tornar mediano, seus critérios do que pode se tomar tempo ou não são completamente moldados por ela mesma. Se ela quiser se preocupar com a beleza, ela terá todo o tempo para isso. E por não ter nenhuma outra preocupação financeira, investir em melhores produtos, roupas, maquiagens, procedimentos, provavelmente não será um problema.

O livro “Teoria King Kong”, de 2016 escrito por Virginie Despentes, desafia o conceito de feminilidade e a imposição social que o gênero sofre, entre outras discussões. “Como mulher, sou mais King Kong do que sou Kate Moss”. (p.10); Uma máxima extraída do livro, comparativa a figura de uma modelo de sucesso com a do gorila cinematográfico, constrói uma especulação do lugar da mulher como figura estética. A autora confronta também como esses padrões na verdade foram moldados por homens e o espelhamento que isso cria no gênero feminino, questionando até quanto a estética da mulher é na verdade uma forma de agradar o público masculino, e não necessariamente a naturalidade do biotipo, por exemplo.

Porque o ideal de mulher branca, sedutora, mas não puta, bem casada, mas não nula, que trabalha, mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra, mas não neurótica com comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta, mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer -, devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista (DESPENTES, 2016, p.13).

O trecho aponta critérios que se estendem não só a estética física, mas também uma imagética pontual de perfeição imperfeita, inalcançável, contribuinte para um sentimento de inadequação inevitável.

4. PESQUISA DE CAMPO

4.1. METODOLOGIA

Para fazer a análise da escravidão contemporânea com a vida das modelos, foi realizado um estudo a partir de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas.

Segundo Manzini (2004), na entrevista semiestruturada são formulados questionamentos básicos que se relacionam com o tema para atingir o objetivo pretendido da pesquisa. A partir disso, outras questões podem vir a surgir de acordo com a circunstância momentânea. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de uma maneira mais livre, e assim, as respostas não ficam condicionadas a um padrão.

Tendo em vista a abordagem qualitativa da pesquisa, não é necessário um grande número de entrevistadas e sim a relevância e representação sobre o assunto. Foram selecionadas cinco modelos profissionais, brasileiras, com mais de três anos de carreira e que já tenham tido experiência tanto no mercado brasileiro quanto no exterior.

Ainda de acordo com Manzini (2004), podemos encontrar a coleta de dados face a face e, por outro, mediado por telefone ou por internet. Como algumas modelos moram em outras cidades, ou até outro país, três das cinco foram a partir de entrevistas por ligação e as outras duas face a face.

Como se trata de um assunto delicado e comprometedor, houve a preservação da identidade das entrevistadas, utilizando nomes fictícios nos resultados da pesquisa. Todas assinaram um termo de cessão gratuita de direitos de depoimento oral e compromisso ético de não identificação do depoente.

As cinco entrevistas tiveram os áudios gravados e uma média de duração de dezessete minutos.

A motivação para o trabalho de campo foi por conta da suposição das pessoas, em geral, em achar que a vida de modelo é uma vida fácil e glamorosa. A partir das entrevistas, poderemos compreender um pouco mais como é o processo desde entrar para uma agência, como se dão os pagamentos, os alojamentos, tempo de trabalho, visão da mão de obra e etc.

4.2. REVELAÇÕES DE CAMPO

Foram formuladas 10 questões principais, buscando fazer referência aos assuntos abordados no referencial teórico do presente trabalho (APÊNDICE I).

A primeira pergunta realizada às entrevistadas foi: **Há quanto tempo você trabalha como modelo?** Buscou-se, de início, apenas entender quanto tempo de mercado cada menina tem.

A Alice contou que trabalha há sete anos. Começou quando tinha quinze. A Thais há quatro anos, desde os dezoito. A Luana há onze, desde os catorze. A Louise há dez anos, desde os quinze. E a Sofia há cinco anos, desde os vinte.

Diante dessas respostas, podemos reparar que três delas eram menores de idade e duas eram maiores.

A segunda questão abordada foi a seguinte: **Como funciona o processo de entrar para uma agência?** O objetivo dessa pergunta é entender como acontece o início da carreira discutida. Como ocorreu para cada entrevistada.

Diante dessa questão, Alice respondeu “no meu caso, comecei a trabalhar como modelo através de um teste na internet. Uma agência estava buscando um perfil, gostaram de mim, me chamaram pra fazer material, o book, e foi assim que eu comecei. Eu era bem novinha”.

Para Thais, “no meu caso, eu comecei a partir de um concurso, pela seleção por foto. Pode ser por foto, pode ser presencialmente, e aí a agência vai avaliar para ver se a pessoa se encaixa no que eles buscam”.

Luana conta que ela e a mãe ligaram para uma agência, marcaram uma entrevista, foram pessoalmente e então a aceitaram. Segundo ela, como tinha catorze anos, ainda não podia trabalhar muito. Mas logo se emancipou para poder fazer mais trabalhos.

Louise conta que a menina que quer começar, deve ir a alguma agência grande, que tenha nome e que saiba que é um lugar sério, fazer uma avaliação, e se eles a aprovam, ela passa a fazer parte.

No caso de Sofia, ela se inscreveu para um concurso que viu na televisão e resolveu ir. Nesse concurso o dono de uma agência em São Paulo a viu e chamou para morar lá.

A terceira pergunta abordada foi: **Para onde você já viajou e por quanto tempo ficou?** A intenção dessa pergunta é de ter uma ampla ideia das experiências das entrevistadas, para que possamos aprofundar o conteúdo.

Alice contou que é do Rio de Janeiro e já viajou para São Paulo, onde ficaria durante três meses, mas ficou apenas três semanas. Também foi para Londres, na Inglaterra onde ficaria, mais uma vez, três meses, mas ficou dezessete dias. Mais adiante ela explica o porquê de ter voltado antes do tempo.

Já a Thais, que é de Chapecó, em Santa Catarina, conta que já ficou no Rio de Janeiro por quase um ano; foi para Miami, nos Estados Unidos por três meses; Milão, na Itália por praticamente sete meses; Paris, na França por dois meses; Cape Town, na África do Sul por três meses e Istambul, na Turquia por três meses também.

Luana teve sua primeira viagem aos dezesseis anos para Buenos Aires, na Argentina e ficou só um mês, pois estava terminando a escola então a mãe não deixou que ficasse mais tempo. Quando terminou a escola, aos dezessete, foi para Miami e ficou três meses. Depois foi para Coreia do Sul e ficou três meses; Shanghai, na China ficou mais três meses, Milão durante sete meses; Santiago, no Chile por dois meses, e finalmente Berlin, na Alemanha, onde ela mora há mais de três anos, hoje em dia não mais trabalhando como modelo e sim por motivos de estudo.

Louise contou que começou a viajar com quinze anos e foi para Miami, onde ficou durante três meses. Em seguida foi para Berlin e ficou três meses também, depois foi para Milão e ficou dois meses. Foi também para Cidade do México durante seis meses, e agora está em Athenas, na Grécia, onde vai ficar durante dois meses. Durante todos os dez anos de carreira, já morou em São Paulo algumas vezes, em que somados dão em torno de três anos.

Por último, a Sofia, que é do Rio de Janeiro, mas já morou em São Paulo durante dois anos, somando as duas vezes que foi. Já foi também para Londres, onde ficou um ano no total. Foi a primeira vez e ficou seis meses, retornou ao Brasil e voltou a Londres por mais seis meses. Além disso, foi para Nova York, nos Estados Unidos, onde ficou por três meses.

A quarta questão foi: **Como costuma funcionar um *casting*, ou seja, seleção para determinado trabalho?**

Alice contou que os clientes reúnem vários perfis, de modelos que eles gostaram, marcam um dia para todas irem ao *casting*, e então escolhem na hora quem eles querem. Segundo ela, “nem sempre eles poupam as palavras”. No último *casting*

que fez, pediram pra que ela perdesse dois centímetros de quadril para que fizesse o desfile.

Segundo Thais, em um *casting* a modelo vai para que o cliente a veja. Porém, em suas palavras “nem sempre os clientes são gentis”. Ela recorda sobre uma fila de *casting* uma vez em Milão para desfile na semana de moda, “um frio horrível, aquele frio que você nem consegue ficar parada na fila, aí você chega para desfilarmos para o cliente, ele mal olha para sua cara. Você mal entra e ele já te manda embora”. Ela deu continuidade dizendo: “às vezes você está em uma fila de modelos, colocadas que nem cabide na frente do cliente, para eles dizerem “está bom, obrigado!” e nem olharem para a sua cara, e te mandarem embora na frente de todo mundo”.

Para Luana, em um *casting*, a modelo vai até o cliente para que ele a veja, faça algumas perguntas, analise suas fotos e, às vezes, tiram suas medidas. Ela conta que hoje em dia os clientes perguntam quantos seguidores a modelo tem. “Isso eu acho um absurdo, que não tinha e agora parece que é a coisa mais importante do mundo”. Ela continua contando sobre quando ela foi para Londres fazer seleção para entrar nas agências, e que a primeira pergunta era qual o Instagram dela e quantos seguidores possui.

Louise diz que a agência entra em contato com a modelo, com as informações sobre o *casting* (data, horário, local) e então a modelo vai. “É uma entrevista de emprego, para conhecer o cliente”. Ela continua contando “eu chego, o fotógrafo me olha, vê minha aparência, conversa um pouco, faz algumas perguntas, às vezes tira fotos, ou só olha as fotos do book. Isso dura menos de cinco minutos”. Ela completa falando sobre o tempo de espera que acontece, muitas vezes, para fazer um *casting*. Ela já chegou a esperar oito horas e contou que costumam dar água. Não dão comida e, muitas vezes, não tem lugar para sentar.

Um casting, a princípio é apavorante, porque você tem que entender que você tem que estar muito bonita, muito bem arrumada. Aí você chega e tem milhares de pessoas muito idênticas a você e então pensa “meu Deus, eu não vou pegar isso aqui nunca, porque todo mundo é igual a mim só que mais bonita” e então o cliente olha pra você muito rápido, mal dá um oi e vai embora. Acabou. Casting é assim. Muito rápido e muito nervoso. A espera é longa. Antes da gente ver o cliente, a gente fica em uma sala, normalmente,

com todas as modelos iguais a você... eu já esperei por 6 horas, porque eram 400 pessoas...

(Sofia)

Ela finaliza contando que, nos *castings*, às vezes tem água e café, mas comida nunca.

Essas informações corroboram com o que Barboza (2011) defende como condições de trabalho degradantes, em que o trabalhador é submetido a constrangimento físico e moral e também, segundo Melo (2003), quando há inadequado fornecimento de alimentação e não cumprimento da legislação que rege o trabalho humano. Segundo o artigo primeiro da República Federativa do Brasil, ninguém será submetido a tratamento desumano ou degradante.

Além disso, se relacionam com o que Bauman (2007) diz sobre a sociedade ser estimulada e forçada a cumprir com quesitos impostos pelo mercado, seguindo uma vida que gera insegurança, estresse e comparações intermináveis.

A quinta pergunta foi a seguinte: **Como funciona o pagamento à modelo?**

Então... o certo seria que nós recebêssemos após trinta dias. Nem sempre acontece, ou quase nunca... eu já fiquei até três meses com o meu cachê atrasado. A gente não tem nem o direito de reclamar, porque quando a gente tenta falar alguma coisa com a nossa agência, eles falam que a culpa é do cliente... que tem que esperar. Como se a gente não tivesse contas para pagar.

(Alice)

O ideal seria que após trinta dias você recebesse. Mas nem sempre é assim. Tem vezes que demora dois meses, três meses, e aí vai. Dependendo da agência, não paga. Você fica esperando, esperando, demora, e você tem que ficar meio que implorando pra agência pagar. Mas... é isso!

(Thais)

O pagamento, normalmente... acho que no Brasil é em um mês, eles falam que é o normal... agora, quando você viaja, e tem um contrato de, por exemplo, três meses, no final dos três meses, se você conseguiu pagar todas as suas dívidas, eles te dão os seus pagamentos.

(Luana)

Luana explicou que essa dívida que citou, se refere ao adiantamento que a agência faz com a modelo, comprando sua passagem, dando um valor para viver semanalmente, aluguel... Além disso, segundo ela, cobram para colocar as fotos das modelos no website. Então a partir do momento que a modelo começa a trabalhar, a dívida vai sendo descontada até quitar e então a modelo começa a ter saldo positivo e é paga quando termina o contrato. Porém, ela conta de um caso de quando estava na China e conseguiu chegar ao saldo positivo, porém nunca recebeu. “Na época eu tinha dezessete anos e eu era ainda muito bobinha... e no papel dos cachês, do dinheiro que tinha entrado e que saía, eles fizeram de uma forma que não sobrava dinheiro nenhum”. Ela finaliza dizendo que foi embora sem reclamar, por medo e insegurança.

Eu já tive vários cachês que eu trabalhei e que eu não recebi. A agência nem corre atrás pra cobrar e colocar na justiça... eu que me ferra. A gente que vai lá, trabalha, fica o dia inteiro lá e se ferra. Geralmente, o certo seria pagar em um mês, mas as coisas não acontecem assim... a maioria das modelos recebe através do intermediário que é a agência. Então o cliente paga à agência, que paga à modelo. E aí demora mais ainda, porque se a agência enrola, demora mais ainda a pagar a modelo.

(Louise)

O certo seria assim... trinta dias após o trabalho. Mas normalmente não acontece isso. Muitos clientes enrolam. Já teve cliente que demorou quatro meses para me pagar... a gente espera... se o cliente não paga a gente fica cobrando, cobrando, cobrando à agência, aí a agência fica cobrando ao cliente, mas eles pagam quando querem. O certo é isso: deu trinta dias, ninguém cobrar e estar na minha conta, mas muitas vezes atrasa. Muitas.

(Sofia)

As experiências das entrevistadas, quanto ao pagamento, fazem relação ao discurso de Figueira (2000), quando ele fala que as vítimas da escravidão contemporânea sofrem com o desconhecimento da lei, com a inocência e ignorância. Vilela (2000) fala que a maioria dessas pessoas apresenta ingenuidade e pureza, fazendo com que o sonho seja permitido.

A sexta questão abordada foi a seguinte: **Quanto tempo dura uma diária de trabalho?**

Segundo Alice, existem as meias diárias e as diárias inteiras, mas na maioria das vezes o trabalho tem duração de uma diária inteira, que seriam oito horas. “Mas

é só uma teoria, né... que nunca termina no prazo certo”. Ela conta de um caso em que o trabalho iria até às dezessete horas, mas durou até às vinte e meia e não recebeu as horas extras, que na teoria receberia. Ela acrescenta que, nesse mesmo trabalho, a cliente, em determinados momentos, se referiu a ela como “espantalho” e “cara de peixe morto” na frente do fotógrafo, maquiadora, estilista, assistente e outra modelo.

Mais uma vez observamos traços de constrangimento físico e moral, citados por Barboza (2011).

Thais respondeu que o normal seriam oito horas de trabalho, mas já chegou a fazer trabalho em que chegou às sete da manhã e saiu às oito da noite sem receber hora extra. Segundo ela, o Brasil até respeita mais a questão de hora extra, mas na Turquia, onde ficou por três meses, não. “É o esquema deles... eles estão acostumados a tratar a modelo dessa forma... e então é muito difícil você quebrar esse ciclo vicioso”.

Quando eu fiquei na China, por exemplo, eu tinha trabalhos que eram doze horas de trabalho e eu tinha trinta minutos de intervalo. Inclusive, na China quando eu fui, eles pagavam por hora... quando eu queria ir no banheiro, alguém me acompanhava para ver se eu ia no banheiro mesmo ou se eu ia perder o tempo que eles estavam me pagando, no telefone.

(Luana)

Luana conta que depois de alguns anos de experiência, passou a não aceitar mais essa situação com facilidade e fragilidade.

Mas mais novinha eu aceitava tudo... eu tinha um pavor, porque quando eu comecei a modelar eu aprendi muito a frase “entra muda e sai calada”. Então eu entrava no trabalho assim... eu tinha medo de falar até que eu estava com fome... eu achava que eu não podia sentir fome... e eu também sempre fui muito neurótica com questão de magreza, hoje em dia não... então na época eu pensava: primeiro que eu nunca estava magra o suficiente, segundo que, se eu achava que não estava magra o suficiente, imagina se eu falasse que estava com fome, né... o que iriam falar de mim?

(Luana)

Luana finaliza contando de um trabalho que fez, em que ficou com vergonha de falar que estava com fome e desmaiou no final do trabalho.

Louise começa a resposta falando que “isso é complicado”. Ela explicou a questão das oito horas como as demais. Falou que hoje não faz mais do que esse

tempo sem ganhar hora extra, mas que já fez muitas vezes na vida. “Eu já devo ter trabalho muitas vezes doze, quinze horas... normal assim... super normal!”

Sofia também explica as oito horas de trabalho e conta que alguns clientes pagam hora extra e outros não.

Inclusive esse negócio de dinheiro é muito bizarro, porque você não pode contar com o seu dinheiro mensalmente. Você não pode fazer uma compra, esperando que vai receber. Tem que pagar tudo à vista, porque você não sabe quando realmente vai receber, sabe?

(Sofia)

Diante das respostas, podemos destacar momentos em que é possível observar a presença da jornada exaustiva, que conforme artigo da CLT, inicia-se a partir de doze horas de labor. Além disso, podemos relacionar ao artigo de Maiara Marinho e Fernando Vieira (2019), pois observa-se jornada exaustiva tanto extensiva, ou seja, questão de tempo de trabalho, quanto intensiva, quando, por exemplo, Luana conta que já fez trabalhos por doze horas e tinha trinta minutos de intervalo e alguém para acompanhá-la caso sentisse vontade de usar o banheiro. Ou seja, ela além de trabalhar por muitas horas, tinha que ser extremamente produtiva com pouco descanso.

A sétima pergunta foi: **Como foram as suas experiências nos alojamentos de modelos? Qual a condição desses apartamentos ou casas?** O intuito dessa pergunta é entender se elas são colocadas em bons alojamentos ou em condições precárias.

Alice conta que um dos principais fatores de ela ter voltado de suas viagens antes do previsto, foi o alojamento. Quando estava com dezoito anos foi para São Paulo. Conta sobre o alojamento de agência:

Eu cheguei lá, na casa... era uma casa com catorze meninas, tinham dois quartos e em cada quarto tinham umas camas de beliche. Não tinha armário. Só tinha cama... nossas roupas ficavam na mala e eu ia ficar três meses lá... A geladeira só tinha uma para catorze meninas... se você compra uma abóbora, acabou com a sua prateleira. Só tinha um banheiro... enfim, era um caos... E a gente paga... os alojamentos não são de graça.

(Alice)

Em seguida ela responde sobre sua experiência em Londres. Ela conta que assim que chegou, a colocaram em um bom apartamento, com condições normais. “Mas esse conto de fadas só durou três dias”. Ela fala que depois desses três dias, as trocaram de alojamento. Ela e outra modelo que havia chegado ao mesmo tempo.

Era um prédio muito estranho, no meio do nada... e uma escadaria, onde a gente teria que ficar no nono andar. Então imagina que a gente ia ter que subir nove andares com as malas... Quando entramos, a casa estava totalmente suja, tinha uma menina trancada no banheiro... usando droga... quando abrimos a porta do nosso quarto tinha um varal de chão, com as calcinhas sujas das meninas que já moravam lá... Não tinha colchão, só tinha uma cama... nós tivemos que pegar o colchão de um outro quarto e arrastamos pelo chão... enfim, eu voltei para o Brasil por causa dos problemas que eu tive nesse apartamento. Não tinha como ficar lá. Era podre... Eu nunca fui em um lugar tão sujo... A agência não me deu outra opção de moradia. Ou eu ficava lá... ou eu ficava pagando um hotel.

(Alice)

Ela finaliza contando que, além de tudo, o aluguel desse alojamento era caro. Mas que seria muito mais caro pagar por um hotel. Segundo ela, a agência não deu opção de ela mudar de alojamento e também não tomou providências para com as modelos que estariam causando a situação.

Já Thais, conta que suas experiências foram relativamente boas. Ela fala que teve a oportunidade de morar com meninas que vieram a se tornar grandes amigas, e que apesar de já ter acontecido de viver em uma bagunça, acredita que as coisas boas foram mais fortes do que as ruins.

Uma vez em Milão... o apartamento era muito pequeno, e tinham acho que oito pessoas e era tudo em beliche... a gente não tinha um espaço adequado. Não tinha nem armário direito... e eu lembro que o valor do aluguel era absurdo... Mas o que superou foi na Turquia. O apartamento era grande... tinha nosso espaço... mas eles enfiavam, no mínimo, dez modelos, para dois banheiros, e cada uma tinha que pagar por mês quinhentos dólares, sendo que não era isso tudo... aí eu só morei por dois meses e depois procurei outro lugar.

(Luana)

Ela conta que nos outros lugares não teve muitos problemas. Apenas problemas normais do dia a dia.

De verdade... são sempre umas casas horríveis. Umas casas que não tem estrutura, eles amontoam um monte de menina e cobram caríssimo. Eles superfaturam a casa sempre, porque muitas vezes a casa é da própria agência... ou até alugam, mas aí eles ganham dinheiro em cima. A agência ganha dinheiro em cima do valor que realmente aquela casa custaria. E sinceramente, todas as casas que eu morei, todas eram ruins... Eu já dormi em São Paulo em um quarto que eram cinco meninas... não tinha espaço para ninguém no armário, era uma zona, uma sujeira, um monte de menininha novinha também. Não tem estrutura para receber essa quantidade de gente que eles colocam.

(Louise)

Em São Paulo foi horrível, porque eram treze meninas em uma casa muito pequena, com dois quartos só... era bagunçado e só tinham duas geladeiras para dividir com essas treze meninas... Comida cada uma comprava a sua...

(Sofia)

Ela conta que em Londres em Nova York viu uma estrutura muito melhor. Ela até teve problemas, como por exemplo, a geladeira ser na verdade um frigobar, apartamento sem lâmpada. Mas em geral diz que foi positivo. Alojamentos com menos meninas e mais organizado.

A oitava pergunta feita foi a seguinte: **Como funciona a relação contrato e tempo de permanência durante uma temporada fora?**

Essa pergunta buscou entender como funciona a questão de contrato de quando a menina faz uma viagem. Por quanto tempo ela deve ficar.

Alice conta que elas devem permanecer o tempo do contrato, que normalmente são três meses.

No meu caso, por exemplo, eu voltei antes. Então nós temos que arcar com as dívidas que ficam com a agência... de apartamento, passagem aérea, que geralmente eles antecipam pra gente... A maioria das agências tem uma multa... tem agência que eu conheço que tem multa de vinte mil se você romper o contrato... eu dei sorte que eu não tive essa multa... mas os trabalhos que eu fiz ficaram para a agência, como parte da minha dívida... eu voltei e não recebi nada.

(Alice)

Thais responde que normalmente o contrato das viagens é de três meses, e que nesse tempo a modelo fica vinculada à agência. Ela conta que se a modelo quiser, por vontade própria, quebrar o contrato e voltar antes do tempo, “é difícil... não vai dar muito certo...”. Ela não aprofunda. Apenas fala que dá bastante confusão com a agência para conseguir voltar antes do tempo.

Luana fala que a maioria dos contratos dela também foi de três meses. Nesse vínculo, a modelo tem que cumprir regras, como não chegar no apartamento mais tarde do que a agência permitisse. “Na Turquia, por exemplo... no apartamento você não podia chegar depois das dez da noite... se você não obedece... a agência tirava ou o seu *pocket money*, ou falava com a sua agência mãe”.

Pocket Money é o dinheiro que a agência costuma dar à modelo, semanalmente, para que ela coma e se desloque.

É louco né... sempre quando a gente vem viajar, eles meio que falam assim “ah, ela vai vir por três meses”, porque é realmente complicado quebrar esse contrato... porque a gente vem com as coisas meio que adiantadas... adiantadas que no caso a gente trabalha e paga... então no final é do nosso bolso. Mas aí eles se sentem no direito de você ser obrigada a ficar em um lugar, porque eles adiantaram aquilo... obrigada a estar naquele lugar por aquele período...

(Louise)

Ela segue explicando que, dependendo da agência mãe que a menina tiver, ou seja, a agência do país de origem, ela pode ser ajudada. Se ela estiver há alguns meses e não estiver sendo positivo, a agência mãe pode tentar negociar da menina ir para outro lugar ou voltar para casa. Mas que em muitos casos a menina acaba, sim, sendo obrigada a ficar.

O que muda muito nessa profissão, que eu vejo, eu que comecei novinha, é a maneira como você se porta. Como eles lidam com uma menina de quinze e como uma menina de quinze não fala e ficaria... e como uma pessoa mais madura não aguenta qualquer coisa... A maturidade é o que ajuda a você ter mais voz nessa profissão... você vai vendo que não precisa ficar calada em tudo, não precisa aguentar tudo calada, você não precisa ficar obrigada em um lugar.

(Louise)

Sofia se assemelha às demais quando fala sobre o tempo de permanência ser de, normalmente, três meses e que a agência costuma adiantar a passagem, a hospedagem e o *pocket money*.

Antes de três meses se você quiser voltar e não tiver pago a dívida, eles vão querer te prender lá... eles não vão querer simplesmente que você vá embora. Eles vão fazer de tudo para que você fique lá para pagar suas dívidas...

(Sofia)

Ela conta que se a modelo realmente quiser ir embora antes, a modelo deve pagar a passagem de volta do próprio bolso e o resto da dívida também.

Diante dos relatos, podemos fazer relação com outra conduta do trabalho escravo contemporâneo: restrição de locomoção. Segundo o MTE, as contrações de dívidas costumam acontecer antes mesmo de o trabalho começar, como é o caso das modelos que vão viajar contraindo dívidas de passagem, hospedagem e o dinheiro semanal, o "*pocket money*". Dessa maneira, as modelos ficam à espera de trabalho enquanto contraem dívidas.

Existe um contrato em que elas assinam antes de viajarem. Mas acontece que elas assinam em busca de um sonho que é vendido, achado que vão ter muito sucesso. E quando chegam ao destino e não trabalham bem, vão contraindo dívidas e muitas só vão embora caso paguem o que devem.

A nona pergunta foi: **De que maneira você vê a mão de obra de uma modelo?** O objetivo dessa questão foi entender a visão pessoal de cada uma sobre essa carreira.

Eu vejo como um produto descartável, tipo um copo de plástico que você bebe água e joga fora, porque como tem muita oferta... não só de ter muitas modelos boas e bonitas. Tem muitas modelos que aceitam trabalhar de graça, que aceitam trabalhar por qualquer migalha que ofereçam. Isso acaba desvalorizando nós, que somos modelos, que precisamos trabalhar, precisamos de dinheiro, que a gente leva a profissão a sério para pagar nossas contas...

(Alice)

Alice segue dizendo que, por existir muita oferta, a modelo acaba por não ter o direito de reclamar, caso venha a ficar insatisfeita. Segundo ela, iriam julgar mal a menina e simplesmente deixar de chamá-la. “E no nosso meio a gente não pode ficar se queimando, né. Porque as coisas espalham muito rápido”.

A resposta de Alice corrobora com Bales (2011), quando afirma que a mão de obra da escravidão contemporânea é descartável devido a um grande contingente de trabalhadores desempregados. Nesse caso, seria um contingente de meninas em busca de seus sonhos.

Segundo Thais, “a modelo é um molde. Então quando você não está de acordo com o que a agência busca, você se torna descartável”. Ela fala que é uma profissão muito incerta, pois não tem pagamento mensal, e sim, por trabalho que faz. Ela compara a carreira de modelo a trabalhos mais tradicionais, em que se tem segurança no que recebe. Segundo ela, a carreira de modelo tem zero segurança. “A gente depende da sorte, de estar no lugar certo, das pessoas gostarem de você, e ainda, das exigências do mercado”. Ela finaliza dizendo que para uma menina ingressar na carreira de modelo, tem que gostar muito. “Você vai levar muitas críticas, vai levar muitos não, as pessoas, normalmente, não são tão gentis com você... você tem que saber que vai estar exposta às incertezas...”

Quando eu comecei tinha muita a questão de ser apenas um padrão... não valorizam tanto uma modelo como ela deveria ser valorizada... Tem uma questão também.... Não preparam uma modelo para ser modelo... ninguém tem o psicológico pronto para isso. Você sofre muita pressão. Se você começa nova... você acaba acreditando em tudo o que te falam, acaba acreditando que só existe uma verdade, um padrão a se seguir. Se você não for aquele padrão, não pode continuar sendo modelo...

(Luana)

Ela fala que, para ela, nunca se sentia boa o suficiente, pois “sempre me fizeram acreditar nisso”. Ela conta que por mais que estivesse nas medidas certas, sempre tinha alguém para pedir que ela emagrecesse, e que isso acaba sendo muita pressão para uma jovem que não está preparada psicologicamente. Ela fala que já passou por diversas situações em que a agência repreendia seu corpo, seja apenas criticando ou comentando que se ela não emagrecesse, não daria mais trabalhos. Criticavam, “mas não me ajudavam. Sentar comigo e conversar... “olha você pode

fazer assim, assim... se você quiser ajuda..." não. Botavam uma pressão horrível". Ela desabafa mais e se questiona "até que ponto o mundo da moda te trata da forma que é para você ser tratada?".

Eu novinha falavam para mim "você tem uma semana para emagrecer". Tá. O que que eu faço? "Para de comer. Bebe só água... Come só alface... que você emagreça". E eu realmente tentava comer só alface. Eu já fiz cada loucura...

(Luana)

Muitos lugares, muitas marcas e muitas pessoas veem a mão de obra de uma modelo, sei lá, como um cabide mesmo... como se não sentisse nada, não sentisse fome... Eu sinto não valorizada, muitas vezes.

(Louise)

Sofia conta que, "em alguns casos, o trabalho é pago com permuta... ao invés de te dar o dinheiro, eles te dão roupa". Segundo ela, muitos trabalhos não dão nem alimentação. Hoje, com a maturidade dela, conta que não acontece mais porque não admite. Mas que no começo, "quando você não quer falar muito, para não se expor", as vezes não recebia nem comida. "Uma vez eu estava em um trabalho e eu desmaiei, porque não tinha comida". Ela lembra de outra vez em que a cliente parou para almoçar, comeu, não quis a salada e então ofereceu a ela. "Eu era new face. Então a gente tem medo de falar... medo de reclamar na agência e ser ruim para a gente... Hoje eu falaria". New face é quando a menina é nova no mercado. Ela recorda outra situação em que estava em um trabalho sem comer durante muitas horas e então a cliente comprou um salgado para três modelos dividirem.

É possível observar, nas respostas, condições degradantes, que segundo Prado (2008), seria o péssimo tratamento aos trabalhadores. Quando há desumanização e assemelha a pessoa a uma coisa ou um bem.

A décima foi: **Você já sofreu algum tipo de ameaça e/ou violência psicológica? Se sim, como ocorreu?** Essa última pergunta teve como objetivo finalizar a entrevista de maneira com que as entrevistadas estivessem abertas para levantar possíveis pontos negativos.

Então, isso eu acho que a gente sofre diariamente... é muito difícil a gente ir em um casting ou na agência e nunca falem nada de ruim da gente... que a

gente precisa emagrecer, ou cortar o cabelo, ou que está muito acima do peso... A gente recebe críticas diárias, e eu acho que o nosso psicológico fica abalado sempre.

(Alice)

Segundo Alice, a modelo deve se moldar ao que a agência pede. Não tem o direito de escolha sobre o próprio corpo, sobre a própria aparência. Ela diz que nunca consegue ser quem ela quer ser. “No momento eu estou com o cabelo curto, mas eu queria ter o cabelo grande, mas aí a minha agência não me permite”. Da última vez que ela estava com o cabelo grande como queria, perguntaram se ela teria feito alguma promessa, “se eu tinha entrado em alguma igreja... que meu cabelo dava para eu sentar e fazer balanço. Que desse jeito não ia ter como trabalhar. Nenhum cliente ia querer”.

As agências têm essa tendência de querer mudar a modelo. De deixar a menina estranha, de querer mudar a personalidade dela, “se veste dessa forma, faz isso, faz aquilo”, e você vai perdendo um pouco da sua personalidade...

(Thais)

Thais diz que quando a modelo aprende a lidar com a pressão, a lidar com os “nãos” e aprende a entender quem ela é, “as coisas ficam mais fáceis de lidar. Mas quando você não entende e tentam te mudar o tempo todo, é muito difícil você lidar com essa situação”.

Tiveram umas três vezes que eu fui conversar na agência e eu saí destruída, chorando, desesperada porque parecia que eu estava em um círculo que eu não conseguia sair... No fundo eu sabia que eu não precisava daquela agência, e eu não precisava daquela mulher falando aquilo para mim. Mas eu, ao mesmo tempo, não tinha forças de sair... Tiveram dias que eu não queria sair de casa...

(Luana)

Luana já havia falado mais a fundo dessa questão na pergunta anterior. Então nessa ela abordou de uma forma um pouco diferente. Contou que modelou por doze anos até perceber que, “o que eu mais amava fazer, não estava me fazendo feliz”. Foi quando decidiu dar uma pausa. Decidiu iniciar tratamento com terapia. Hoje ela diz

que está com a cabeça mais saudável. “Hoje eu vejo que não existe só esse padrão que sempre me falaram”.

Uma coisa que eles não ensinam... A gente trabalha com a nossa imagem, mas eles não falam muito sobre se amar, ter amor próprio, amar seu corpo como ele é. Eles querem que a gente ame o nosso corpo como eles querem que seja. E aí você acaba acreditando nisso fielmente e acaba ficando cega para o que você é de verdade.

(Luana)

Para finalizar, ela diz que finalmente tem começado a ver uma mudança no mercado. E que esse ano começou a ver vários corpos diferentes aparecerem. Ela espera que isso continue, para que meninas, que começam tão novinhas, não venham a ter doenças psicológicas.

Louise também fala das exigências das medidas e do mercado não aceitar a modelo como ela é. O mercado pede que elas tenham oitenta e nove / noventa centímetros de quadril, mas “eu sou brasileira, brasileira tem curva”. Ela diz que, muitas vezes, eles querem forçar um padrão. “Realmente é uma profissão que só vão olhar a carcaça, sabe?”.

Nunca está bom, nada. O cabelo está ruim, o corpo está ruim, o quadril está grande... muita pressão, sabe? É muita pressão psicológica. Você imagina isso na cabeça de uma adolescente... Se eu com vinte e cinco anos sofro, choro, muitas vezes... dez anos atrás, nossa! Eu sofria muito... Quando eu ouvi a primeira vez “você precisa emagrecer”... aí começou toda a pressão psicológica, que na verdade o meu corpo não suporta.

(Louise)

As questões sobre corpo, fazem relação com Vianna (2005), quando fala que o padrão estético, para o corpo de uma mulher, é uma violência psicológica. Por isso, segundo ela, acaba ocorrendo violação do que seria um corpo saudável, a partir de distúrbios alimentares. Se isso acontece com as mulheres em modo geral, por conta de todo processo midiático, imagina para as mulheres que estão na mídia, ou seja, que estão propagando esse modelo de corpo?

Sofia, que é negra, conta das suas experiências com o pré-conceito.

É bizarro como o racismo está entranhado na sociedade. É nítido para mim, que vivo isso. Na moda é pior ainda. Então eu sempre tinha que estar mais bem vestida, eu tinha que estar com o meu cabelo melhor, liso... agora até que aceitaram o meu cabelo natural..., mas no começo era liso.

(Sofia)

Já falaram para Sofia “olha, você tem que se cuidar, porque você é a única negra no trabalho”. Ela conta de uma vez, que para casting de desfile na semana de moda de São Paulo, a agência falou que não iria apresenta-la para determinado cliente que não aceitava negras. Fala também de uma vez em que foi na agência com um coque no cabelo e falaram que ela estava parecendo um abacaxi e desdenhou o fato do cabelo dela ser seco.

Em relação à magreza, Sofia nunca teve problemas. Sempre teve naturalmente o corpo exigido, mas conta que já morou com meninas e viu muitas delas diariamente comendo apenas alface, fazendo suco de pimenta para emagrecer, meninas que só fumavam... “eu vendo uma menina de dezesseis anos, fumando para emagrecer, achei um absurdo. Mas o *booker* falava: melhor assim do que comendo”.

Podemos novamente relacionar a Prado (2008), em que há condição degradante através da desumanização, transformando pessoas em bens. Em que o objetivo é o lucro, e não a preocupação com o bem-estar humano.

Como diz Bauman (2007), as pessoas têm que se moldar para que consigam chamar atenção e se manterem em uma boa posição nas “prateleiras”.

5. CONCLUSÃO

Esse estudo teve como objetivo dar voz às mulheres que têm pouco lugar de fala. O intuito não foi apenas de criticar, e sim, entender o *backstage*, ou seja, o por trás do que a mídia passa sobre como tende a ser a vida profissional de uma modelo de moda, através da fala das entrevistadas.

A partir do levantamento bibliográfico e da realização de pesquisa de campo, foi possível relacionar a escravidão contemporânea à carreira de modelo.

Apesar de pontos positivos que a carreira traz, como viajar o mundo, conhecer novas culturas e pessoas; conclui-se que esse modelo de trabalho aponta sinais de escravidão contemporânea em três das quatro condutas específicas, segundo o artigo 149 do Código Penal. São elas: condições degradantes de trabalho, jornada exaustiva e restrição da locomoção; deixando de lado apenas o âmbito de trabalho forçado.

Condições degradantes pelo relato das muitas horas de *castings* sem comida, pela desumanização, ao assemelhar a modelo a uma mercadoria, críticas ofensivas, violências psicológicas e também por algumas condições dos apartamentos, segundo elas, com pouca estrutura para receber muitas meninas.

“... um produto descartável, tipo um copo de plástico que voce bebe água e joga fora...”, como conta Alice.

Jornada exaustiva a partir dos relatos de longas horas de trabalho, muitas vezes sem receber hora extra e pouco descanso.

“doze horas de trabalho e eu tinha trinta minutos de intervalo... quando eu queria ir no banheiro, alguém me acompanhava para ver se eu ia no banheiro mesmo”, como conta Luana.

“Eu já devo ter trabalhado muitas vezes doze, quinze horas... normal assim... super normal!”, conta Louise.

Restrição de locomoção a partir dos relatos sobre tempo de estadia em uma experiência de viagem.

“... eles se sentem no direito de você ser obrigada a ficar em um lugar porque eles adiantaram aquilo...”; em referência aos adiantamentos que as agências costumam fazer como passagem, hospedagem e o *pocket money*, como conta Louise.

Apesar de ser observado essas três vertentes da escravidão contemporânea, observa-se que “Condições Degradantes” se encontra de maneira mais intensa,

aparecendo em algumas das perguntas. Foram separados alguns outros trechos das respostas sobre essa condição:

“um frio horrível... aí você chega para desfilas para o cliente, ele mal olha na sua cara. Você mal entra e ele já te manda embora”, disse Alice.

“às vezes você tá em uma fila de modelos, colocadas que nem cabide na frente do cliente, para eles dizerem “está bom, obrigado!” e nem olharem para a sua cara, e te mandarem embora na frente de todo mundo”, conta Alice.

“até que ponto o mundo da moda te trata da forma que é para você ser tratada?”, questiona Luana.

“Eu novinha falavam para mim “você tem uma semana para emagrecer”. Tá. O que que eu faço? “Para de comer. Bebe só água... Come só alface... que você emagrece””, conta Luana.

“São sempre umas casas horríveis. Umam casa que não tem estrutura, eles amontoam um monte de menina e cobram caríssimo... Não tem estrutura para receber essa quantidade de gente que eles colocam”, conta Louise.

“Muitos lugares, muitas marcas e muitas pessoas veem a mão de obra de um modelo, sei lá, como um cabide mesmo... como se não sentisse nada, não sentisse fome...”, conta Louise.

“você tem que se cuidar, porque você é a única negra no trabalho”, conta Sofia sobre o que já falaram para ela.

Em geral, foi observado que elas começam a carreira bem novas, muitas vezes, sem maturidade e com o psicológico ainda em formação. Com isso, notou-se que, muitas delas, falam sobre o temer a algo. Elas demonstram que quando começaram suas carreiras, tinham medo de reclamar do que as incomodavam. Mesmo que achassem que não estava correto, preferiam se calar para que não fossem mal vistas. Se submeteram a fome; demora no pagamento ou até a falta dele; demoras em castings; pressões constantes pelo corpo ideal; críticas ofensivas; negações com falta de tato, etc.

Muitas demonstram que hoje, com mais maturidade, não aceitariam passar por coisas que já passaram.

Além disso, podemos fazer uma correlação com a ramificação psicológica do trabalho de modelo. As necessidades para se manter no meio profissional do estudo em questão se estendem além de uma prontidão para o serviço em si. Um modelo não acaba por “despir” sua aparência quando se desloca do ambiente de trabalho e

ela não é permitida que o faça, já que para manter todos os critérios pré-estabelecidos, não só estéticos como também sociais, como exemplificado pelo texto de Virginie Despentes, uma disciplina rígida acaba por ser necessária. A modelo acaba tendo que se preocupar com dieta a todo o tempo.

A vivência sobre um reflexo padronizado e crítico a nuances inerentes às diferenças pessoais, acaba por escravizar a profissional não só pela condição legislativa, mas também pelo psicológico. O “trabalho” é contínuo e provoca um sentimento de compromisso eterno, que conduz sua vida.

O estudo de campo teve abordagem qualitativa, com um número reduzido de entrevistados. Sugere-se que, em estudos futuros, busque-se conhecer as percepções a partir de uma amostra maior de modelos. Além disso, sugere-se que a pesquisa seja realizada também com agenciadores, para que se possa estudar a visão de quem está do outro lado da carreira de modelo.

Portanto, este trabalho pretende deixar um legado para que outros pesquisadores busquem estudar e trabalhar com o tema em questão.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTELES, (1877) Politics: Books I, II and III (English Traduction W.E BOLLAND, M. A)

BALES, K, & ROBBINS, P. T. (2001). No one shall be held in slavery or ser-vitude: a critical analysis of international slavery conventions. Human Rights Review, 2(2), 18-45.

BARELLI, Walter e VILELA, Ruth. Trabalho Escravo no Brasil. 2000.

BRASIL. Código Penal Brasileiro. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: < <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10621211/artigo-149-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>> . Acesso em 20/06/2018

DE BRITO FILHO, José Claudio Monteiro et al. Trabalho Em Condições Degradantes – Caracterização. 2017

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. Editora N-1 Edições. 2016.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Por que o Trabalho Escravo? 2000.

FIGUEIREDO, Débora; NASCIMENTO, Fábio e RODRIGUES, Maria Eduarda. Discurso ao Corpo e Identidade: Representações do Corpo Feminino em Revistas Brasileiras. 2016.

GODWIN, Alexandre. Jornada Exaustiva e Condições Degradantes De Trabalho Para Fins De Reconhecimento Do Crime De Redução A Condição Análoga À De Escravo. 2016

MANZINI, Eduardo. Entrevista Semi-Estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. 2004.

MARINHO, Maiara O. e VIEIRA, Fernando de O. A Jornada Exaustiva e a Escravidão Contemporânea. 2019.

MARTINEZ, Fabiana J. De Menina A Modelo, Entre Modelo E Menina: Gênero, Imagens E Experincia. 2009

MASCARENHAS, André Ofenhejm et al. Elementos Para Discussão da Escravidão Contemporânea Como Prática de Gestão, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902015000200175&lang=pt>. Acesso em 10/11/2017

MELO, Luis Antônio Camargo. Trabalho Escravo Contemporâneo. 2003.

MESQUITA, Giovana. Disponível em: < [http://www.lacier.com.br/cursos/artigos/periodicos/artigo_ser_top_model_1_\[1\].pdf](http://www.lacier.com.br/cursos/artigos/periodicos/artigo_ser_top_model_1_[1].pdf) >. Acesso em 18/06/2018

MTE. Erradicação do Trabalho Escravo de 2016. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/fiscalizacao-combate-trabalho-escravo/resultados-das-operacoes-de-fiscalizacao-para-erradicacao-do-trabalho-escravo>>. Acesso em 18/06/18

OIT. Organização Internacional do Trabalho. O que é trabalho forçado? Disponível em: < http://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-escravo/WCMS_393058/lang-pt/index.htm>. Acesso em 20/06/2018

PITAGUY, Christina. Disponível em: < <https://www.christinapitanguy.com.br/home/filme-picture-me-sobre-bastidores-da-vida-de-modelo#> >. Acesso em 22/11/2017

PRADO, Adonias Antunes. Trabalho Escravo Contemporâneo no Brasil. 2008.

SAMPAIO, Paulo (2006) Folha de São Paulo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u128220.shtml> >. Acesso em 10/11/2017

SCHERNOVSKI, Valdeci. Trabalho Escravo Contemporâneo. 2013.

Tribunal Regional do Trabalho. Disponível em: < <https://trt-3.jusbrasil.com.br/noticias/153074651/especial-submissao-do-empregado-a-jornada-exaustiva-caracteriza-trabalho-analogo-ao-escravo>>. Acesso em 20/06/2018

VAL, Alexandre et al. Entre o Singular e o Coletivo: A Experiência De Um Serviço Na Abordagem Das Anorexias e Bulimias. 2015

VIANNA, Cynthia (2005) Da Imagem da Mulher Imposta Pela Mídia Como uma Violação Dos Direitos Humanos

ZYGMUNT, Bauman. Vida Para Consumo. Editora Zahar. 2008.

7. APÊNDICE

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia

Esta pesquisa tem por objetivo relacionar a escravidão contemporânea com a vida profissional das modelos de moda. Essa pesquisa não citará os nomes das participantes.

1. Há quanto tempo você trabalha como modelo?
2. Como funciona o processo de entrar para uma agência, seja ela nacional ou internacional?
3. Para onde já viajou a trabalho e por quanto tempo?
4. Como costuma funcionar um casting, ou seja, seleção para determinado trabalho?
5. Como funciona o pagamento à modelo?
6. Quanto tempo dura uma diária de trabalho?
7. Como foram suas experiências nos alojamentos de modelos? Qual a condição desses apartamentos/casas?
8. Como funciona a relação contrato/tempo de permanência durante uma temporada fora?
9. De que maneira você vê a mão de obra de uma modelo?
10. Você já sofreu algum tipo de ameaça e/ou violência psicológica? Se sim, como ocorreu?